

CONTRAFOGOS: táticas para enfrentar a invasão neoliberal

BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos**: táticas para enfrentar a invasão neoliberal. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. 152 p.

Izani Pibernat Mustafá

Mestre em História

Professora do Instituto Superior e Centro Educacional Luterano Bom Jesus

E-mail: izani.mustafa@gmail.com

“Contrafogos: Táticas para Enfrentar a Invasão Neoliberal”, escrito pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, é uma obra fundamental para todos - intelectuais, estudiosos, pesquisadores e, principalmente, críticos do liberalismo, neoliberalismo e da globalização. Nas 140 páginas do livro – sem considerar o texto, com o qual o autor se dirige ao leitor e as duas páginas de referências citadas – estão reunidos 17 textos, alguns inéditos, publicados em diferentes jornais, como o Le Monde, o Libération, e em declarações públicas, em sua maioria dirigidas a trabalhadores. Os artigos contêm a crítica audaciosa, perspicaz e mordaz de Bourdieu, que morreu aos 71 anos, no dia 23 de janeiro de 2002. Contrafogos é uma coletânea que pode ser lida em até dois dias. Na contracapa, a justificativa: “(...) tenho a impressão de que os perigos contra os quais foram acesos os contrafogos cujos efeitos eles queriam perpetuar, não são nem pontuais nem ocasionais”. Afinal, dez anos depois do lançamento dessa obra, o neoliberalismo está muito presente. Governos recém-eleitos, principalmente na América Latina, estão começando a caminhar em direção a uma verdadeira ruptura com o modelo neoliberal implementado por presidentes da direita, como Bill Clinton (Estados Unidos) e Tony Blair (Reino Unido), cujos modelos foram imitados ou se alastraram por outros chefes de governo em diferentes países do mundo todo.

No primeiro texto “A mão esquerda e a mão direita do Estado”, o observador das lutas sociais e de todos os debates públicos que envolvem o Estado e a sociedade responde à

entrevista de R. P. Droit a T. Ferenczi, publicada no *Le Monde*, em 14 de janeiro de 1992. Bourdieu explica por que depoimentos individuais e episódicos – como de uma cidade do norte da França – podem representar ou tipificar o mal-estar coletivo e salienta que os trabalhadores sociais, como assistentes sociais, educadores e magistrados, são os representantes da mão esquerda do Estado e os burocratas do ministério das finanças, dos bancos e gabinetes sociais são os representantes da mão direita do Estado. Ao final, descreve qual deve ser o papel dos intelectuais, principalmente na construção da Europa: “Desejo que os escritores, os artistas, os filósofos e os cientistas possam se fazer ouvir diretamente em todos os domínios da vida pública em que são competentes”.

A dedicação a objetos de estudo - como a educação, a cultura, a política e os meios de comunicação - fez com que Pierre Bourdieu encontrasse mais argumentos para combater o neoliberalismo, a globalização financeira e defendesse com “unhas e dentes” uma democracia em que o nacionalismo ou o “localismo cultural” fosse preponderante.

Nos quatro textos seguintes do livro *Contrafogos – “Sollers tel Quel”*, “O destino dos estrangeiros como *schibboleth*”, “Os abusos de poder que se armam ou se baseiam na razão” e “Com a palavra, o ferroviário”, ele se debruça sobre algumas declarações cheias de ironias e mentiras de candidatos políticos em prol de uma sociedade culta, e descreve, com detalhes e exemplos, como os estrangeiros, de origem islâmica e argelina, são tratados na França.

No artigo “Contra a destruição de uma civilização”, proferida na intervenção na Gare de Lyon, por causa das greves de dezembro de 1965, Bourdieu declara seu apoio a todos os que “lutam, há três semanas, contra a destruição de uma civilização associada à existência do serviço público, e da igualdade republicana dos direitos, do direito à educação, à saúde, à cultura, à pesquisa, à arte, e, acima de tudo, ao trabalho”. O sociólogo aproveita para afirmar que a crise percebida na França e em outros países da Europa é uma “oportunidade histórica” para se rejeitar o liberalismo, considerado por ele uma barbárie. Ele também critica a tirania do FMI e a mídia que tenta abafar os movimentos a favor da reorganização dos serviços públicos.

Em “O mito da ‘mundialização’ e o Estado social europeu”, resultado de uma intervenção na Confederação Geral dos Trabalhadores Gregos (GSEE), em Atenas, em outubro de 1996, critica a imposição da visão neoliberal, que se iniciou na Inglaterra com Margaret Thatcher, e se espalhou por todo o mundo. Para ele, a inevitabilidade do neoliberalismo é apenas aparente. Segundo ele, o Estado torna-se uma realidade ambígua e é também um palco de conflitos entre a classe dominante, os trabalhadores e a sociedade em

geral. Para esses trabalhadores, Bourdieu ressalta que a palavra-chave do liberalismo é o trabalho noturno, o trabalho nos finais de semana e horas extras.

No nono artigo, “Os pesquisadores, a ciência econômica e o movimento social”, que é uma intervenção realizada na sessão inaugural dos Estados Gerais do Movimento Social nos dias 23 e 24 de novembro de 1996, em Paris, Bourdieu propõe criar um programa de pesquisa coletivo e interdisciplinar entre as autoridades científicas e os sociólogos, no qual todos sejam reconhecidos como cidadãos que queiram trabalhar em prol da sociedade e contra o “martelamento da mídia”, com frases feitas de que a globalização e o neoliberalismo são inevitáveis. O sociólogo francês volta a criticar o papel da mídia e alerta para a necessidade de criar novas formas de ação simbólica, que façam com que os movimentos sociais se atualizem.

“A televisão, o jornalismo e a política”, texto publicado originalmente no Brasil com o título “Sobre televisão” e que causou grande controvérsia entre os grandes jornalistas e editorialistas dos diários e semanários das televisões brasileiras, o autor analisa minuciosamente o comportamento desses profissionais em suas funções diárias. O maior problema é a exclusão do tratamento sério e adequado do campo político em prol do mesmo assunto, mas apresentado como puro divertimento, entre muitas tagarelices, características dos *talk shows*. Tudo para evitar que o assunto se torne entediante. A televisão prefere a simplificação demagógica e a polêmica e, assim, diz Bourdieu, põe um fim à oportunidade de confrontar idéias opostas (a dialética). Nesse artigo, ele explica como esses e outros mecanismos contribuem definitivamente para a despolitização. Enfim, por que a sociedade se desencantou com a política.

Na entrevista concedida ao jornalista Paulo Roberto Pires, publicada em O Globo, Rio de Janeiro, em 4 de outubro de 1997, intitulada “Retorno sobre a televisão”, Bourdieu observa o comportamento dos profissionais “poderosos”, que atuam no campo jornalístico, e reforça, mais uma vez, que a televisão é sim responsável pela despolitização e pela criação de uma demagogia e é contra uma verdade que pode ser aprofundada e analisada com seriedade. Para exemplificar, cita o tratamento dado ao caso Lady Di, em vez dos massacres na Argélia.

No artigo “A precariedade está hoje por toda parte” – registro da intervenção nos Encontros Europeus contra a Precariedade, em Grenoble, nos dias 12 e 13 de dezembro de 1997 –, Bourdieu destaca a precariedade, tanto no setor privado quanto no setor público, nas empresas e nas instituições de produção e difusão cultural, de educação e de comunicação. Juntos, completa ele, produzem a degradação do mundo e fazem com que o futuro se torne incerto. Um exemplo é o desemprego existente em vários países da Europa, que afeta a todos

os operários e de uma forma geral toda a população, gerando a concorrência e a luta de todos contra todos. O sociólogo salienta que a precariedade, então, passa a ser um “modo de dominação de tipo novo”, que produz insegurança e obriga os trabalhadores à submissão.

Ao final, afirma que contra o neoliberalismo é possível uma luta política, cujo primeiro passo é o abandono da “visão estreitamente calculista e individualista”.

O último texto da obra *Contrafogos* chama-se “O neoliberalismo, utopia (em vias de realização) de uma exploração sem limites”, escrito em Paris, em janeiro de 1998. Nele, Bourdieu iguala o discurso neoliberal ao discurso psiquiátrico no asilo, porque ambos são fortes e difíceis de combater e “têm a favor de si todas as forças de um mundo de relações de força, que ele contribui para fazer tal como é, sobretudo orientando as escolhas econômicas daqueles que dominam as relações econômicas (...)”. Para ele, o neoliberalismo é um programa de destruição metódica dos coletivos como a nação, grupos de trabalho, sindicatos e até a família e “extrai sua força social da força político-econômica daqueles cujos interesses ele exprime – acionistas, operadores financeiros, industriais, políticos conservadores ou social-democratas (...)”.

Bourdieu reforça que o neoliberalismo favorece a ruptura entre a economia e as realidades sociais, porque fundamentada na “violência estrutural” que gera o desemprego.

Ao final, ele diz ser possível ter esperança. O caminho por ele apontado é a construção de uma nova ordem social voltada aos interesses coletivos – associações, sindicatos, partidos – e à manutenção de um Estado nacional, ou, como ele salienta, “suprancional”, que controle os lucros realizados nos mercados financeiros.

À pergunta se países como Venezuela, Bolívia e Equador estariam enfrentando o modelo neoliberal em pleno século XXI e rompendo com ele, a resposta é:

“Sem dúvida, são exemplos de novas formas de oposição e resistência ao neoliberalismo. Seus presidentes, respectivamente Hugo Chávez, Evo Morales e Rafael Corrêa, estão estabelecendo uma nova ordem social, política e econômica para enfrentar, principalmente, os Estados Unidos, e estão conseguindo reconstruir suas unidades populares.”

Recebido em: 20/12/2007
Aprovado em: 08/03/2009